

LIVRO RESENHADO:
CÍCERO, ANTONIO. *PORVENTURA*. RIO DE JANEIRO: RECORD, 2012.

PORVENTURA, DE ANTONIO CÍCERO

Rafael Fava Belúzio
Mestre em Estudos Literários (Universidade Federal de Minas Gerais)
favabeluzio@yahoo.com.br

Finalista dos prêmios Jabuti e Portugal Telecom, além de vencedor do prêmio anual da Academia Brasileira de Letras, *Porventura* continua e adensa a obra de Antonio Cicero, em particular, e reafirma tendências da poesia brasileira da virada do milênio. No livro recente estão recolocados e retrabalhados elementos desenvolvidos pelo escritor, tais como o diálogo com a tradição da literatura e da filosofia e o desenvolvimento de uma poesia autoconsciente, sendo ao mesmo tempo leve e densa.

Se analisar a obra lançada em 2012 é refletir sobre uma produção em progresso, o primeiro livro de Antonio Cicero, *Guardar*, saiu em 1996. Nele constavam poemas “autônomos” e letras que o poeta/compositor havia feito em trabalhos com cantores da MPB, por exemplo Marina Lima (irmã do escritor), Adriana Calcanhoto e Cláudio Zoli. Além disso, a obra apresentava referências a Fernando Pessoa e Safo, Narcisco e Atena, bem como ao filósofo alemão Carl Gustav Hempel. Como sintetizou Silviano Santiago, “O poeta Antonio Cicero é, ao mesmo tempo, herdeiro das superfícies e das profundezas” (SANTIAGO, 1996, orelha do livro). No que diz respeito ao trato das profundezas, além das constantes referências à cultura grega, são notáveis a construção de uma poética autoconsciente:

Orelha, ouvido, labirinto:
perdida em mim a voz do outro ecoa.
Minto:
perversamente sou-a.

(CICERO, 1996, p. 15)

Ecoando antigas tradições, em 1996 era apresentada uma poesia que se aproximava da geração de 1980/1990 e que se distanciava da poesia dos anos 70. Seguindo essas

características, é visível em *Guardar* o soneto – cf. os poemas “Dita”, “Onda”, “Quase”, “Logrador”, “Narciso”, “Trevo do marinheiro”, “Eco” –, algo tão recusado pelos poetas marginais e tão recolhido pelos “poetas canônicos de 1980”.

O soneto também marcou presença no livro seguinte, *A cidade e os livros*, lançado em 2002. Dos trinta e quatro poemas, em dezenove deles há quatorze versos, normalmente monoestróficos. Além da presença marcante dos sonetos, destaco também a orelha do livro, escrita por José Miguel Wisnik, pois o crítico nela chamou a atenção para a “poesia extraordinariamente reflexiva” e para a “dicção clássica, grega e latina, capaz de odes e nênia” (WISNIK, 2002, orelha do livro), com referências a Proteu, Prometeu, Ícaro, Dédalo e Narciso. Aqui, portanto, está um poeta reflexivo e de verve clássica, mais técnico do que “visceral”:

Quem gosta de poesia “visceral”,
ou seja, porca, preguiçosa, lerda,
que vá ao fundo e seja literal,
pedindo ao poeta, em vez de poemas, merda.

(CICERO, 2002, p. 21)

Em *A cidade e os livros* também está o diálogo com a filosofia. É compreensível a influência de Epicuro quando o eu-lírico de Antonio Cicero abre a “Nênia” dizendo que “A morte não foi nada para ele, pois enquanto vivia não/ havia a morte e, agora que há, ele já não vive” (CICERO, 2002, p. 57). O filósofo do jardim, em sua *Carta sobre a felicidade*, afirmou que “o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos” (EPICURO, 2002, p. 29).

Seguindo a perspectiva filosófica dos livros anteriores, bem como o diálogo com a tradição literária, por meio de uma escrita simultaneamente leve e densa, embora sempre autoconsciente e contrastante com a geração da poesia marginal, Antonio Cicero chega ainda mais maduro em *Porventura*. Dizendo isso concordo outra vez com as orelhas do livro. Agora quem apresenta a obra do poeta é Antonio Carlos Secchin ao afirmar que “Em *Porventura* se adensam as complexas e filigranadas relações que, desde seu primeiro livro, *Guardar* (1996), Antonio Cicero vem desenvolvendo com o universo da cultura clássica, a grega em especial”

(SECCHIN, 2012, orelha do livro). Aparecem, por exemplo, Zeus, Homero, Afrodite, Fedra, Mínos, Arquimedes de Siracusa, Horácio, Ícaro.

Sobre este último personagem da literatura grega, o sujeito-lírico de Antonio Cicero diz: “Buscando as profundezas do céu/ conheceu Ícaro as do mar”. O dístico também lembra um poema clássico da literatura brasileira, “Ismália”, de Alphonsus de Guimaraens. E o mesmo tom noturno – por vezes barroco – pode ser visto aqui e ali na poesia de Antonio Cicero, lembrando novamente a dicção simbolista:

E se um poema opaco feito muro
te fizer sonhar noites em claro?
E se justo o poema mais obscuro
te resplandecer mais que o mais claro?

(CICERO, 2012, p. 63)

O texto é uma quadra um tanto ao gosto barroco e simbolista. Mas a forma poética mais frequente em *Porventura* é mesmo o soneto – já bastante utilizado nos livros anteriores do poeta. Somado às referências gregas, o soneto aqui se aproxima ainda mais do Parnasianismo. No entanto, há muitos estilos sobrepostos e relidos na obra em debate. Além do Simbolismo e do Parnaso, existe aqui e ali um tom confessional, apaixonado, e, se quisermos, romântico:

Os juramentos que nós juramos
entrelaçados naquela cama
seriam traídos, se lembrados
hoje. Eram palavras aladas
e faladas não para ficar
mas, encantadas, voar.

(CICERO, 2012, p. 29)

Para além do século XIX – simbolista, parnasiano e romântico –, *Porventura* revela momentos, por assim dizer, concretistas:

PAI MÃE
CÉU CHÃO
MÃE CÉU
PAI XÃO

(CICERO, 2012, p. 25)

e momentos modernistas:

Há flores pelo caminho através
da cidade à cidade: naturais,
em canteiros e em árvores, talvez,
mas quase todas artificiais
nos cabelos dos bebês, em cachorros
mimados, em vitrines e revistas
(CICERO, 2012, p. 71)

A cidade, por sinal, é um dos temas preferidos do poeta dos anos 90. Já estava presente em *Guardar*; por exemplo, em “À francesa”, texto escrito para uma melodia de Cláudio Zoli cantada por Marina Lima:

Meu amor, se você for embora
Sabe lá o que será de mim
Passeando pelo mundo afora
Na cidade que não tem mais fim
(CICERO, 1997, p. 77)

Já a segunda obra do autor possui como título *A cidade e os livros*, evidenciando, a importância da temática para a produção literária de Antonio Cicero. A cidade – por vezes infinita, megalópole contemporânea – reaparecia no poema-título “A cidade e os livros”, como também a cidade claustrofóbica:

O Rio parecia inesgotável
àquele adolescente que era eu.
(...)
Hoje é diferente,
pois todas as cidades encolheram,
são previsíveis, dão claustrofobia
(CICERO, 2002, p. 19-20)

No recente *Porventura*, a cidade pode vigiar o poeta que prefere fechar o (poema) “*Blackout*”, pode ser artificial, como em “As flores da cidade”, ou pode ser vivenciada pelo

olhar de cronista, como em “Meio-fio”. O poeta-cronista, por sinal, elege principalmente o Rio de Janeiro – referência presente em todos os livros.

Nesse trato da cidade, Antonio Cicero parece alinhar a sua poesia da virada do milênio à prosa do mesmo momento. O romance também recorreu ao mundo urbano: desde *Subúrbio*, de Fernando Bonassi, passando pela *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, até *elas eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. A periferia, porém, é mais visível nos capítulos dos prosadores do que nos versos do poeta. *Porventura* não elege o subúrbio, ou a favela Cidade de Deus, ou ainda a população anônima da qual já não se sabe sua pelagem, sua origem. Prefere o poeta que está fechado em sua casa, ou a caminho do cinema, ou ainda no (poema) “Leblon”, a refletir:

O menino olha para o mar:
lá no fundo ele se funde ao céu;
mas atrás há um muro e aquém do olhar
pulsam sangue e morro e mata e breu.

(CICERO, 2012, p. 51)

O tom reflexivo, presente no poema acima, é outra característica importante de *Porventura*. O trabalho com temas filosóficos – já demonstrando em *Guardar e A cidade e os livros* – reaparece agora e de maneira adensada. Possivelmente na publicação mais atual se encontre melhor trabalhado, mas com uma leveza vocabular muito característica. Isso pode se explicar pelo fato de em 2012, ano em que foi lançado o próprio *Porventura*, igualmente ter ido para as livrarias *Poesia e filosofia*, ensaio filosófico de Antonio Cicero, dedicado a traçar limites – embora sempre existam aproximações – entre a escrita poética e a reflexão filosófica. O adensar do poema é paralelo ao adensar do ensaio: *Poesia e filosofia* avança um texto homônimo publicado no livro *Finalidades sem fim* (2005). Desse modo, pensando as margens das duas áreas em texto propriamente filosófico e ao mesmo tempo usando de tom reflexivo em poemas de *Porventura*, este livro – espécie de par dialético de *Poesia e filosofia* – é mais agudo no uso da filosofia como elemento interno da construção literária. O filósofo-poeta, entretanto, diz que “o valor de uma obra de filosofia enquanto filosofia depende em grande medida da originalidade das teses filosóficas que ela afirma; o valor de uma obra de poesia enquanto poesia não depende da originalidade das teses filosóficas que ela afirma” (CICERO, 2012b, p. 30).

Dessa maneira, não sendo original, no entanto acumulando agudezas, Antonio Cicero volta, em *Porventura*, a temas filosóficos já muito discutidos pela tradição ocidental. Destaco, em particular, o posicionamento do autor no que toca a metafísica – área vislumbrada desde a Grécia de Platão até pensadores contemporâneos. Assumindo uma postura ateísta, *A cidade e os livros* já havia apresentado o poema “Sair” – último texto do livro, talvez a prenunciar o vindouro *Porventura*:

a
noite está radiante e Deus não
existe nem faz falta. Tudo é
gratuito
(CICERO, 2002, p. 77)

Em *Porventura*, a postura ateísta do autor é mantida e ganha novos trabalhos. Destaco em especial o poema “O fim da vida”:

e não há, depois da morte,
mais nada.
Eis o que torna esta vida
sagrada
ela é tudo e o resto, nada.
(CICERO, 2012, p. 53)

Como se vê, em textos de vocabulário simples, aparentemente superficiais, Antonio Cicero toca temas profundos e caros para a literatura e a filosofia ocidentais. Não por acaso o livro é agraciado por prêmios literários nos nossos dias.

REFERÊNCIAS

CÍCERO, Antonio. *Guardar: poemas escolhidos*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

CÍCERO, Antonio. *A cidade e os livros*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

CÍCERO, Antonio. *Finalidade sem fim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CÍCERO, Antonio. *Porventura*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

CÍCERO, Antonio. *Poesia e filosofia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

EPICURO. *Carta sobre a felicidade*. Tradução e apresentação: Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: UNESP, 2002.

Como citar esta resenha:

BELÚZIO, Rafael Fava. “Porventura”, de Antônio Cícero. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 18, jul.-ago. 2014, p. 296-302. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num18/resenhas/palimpsesto18resenhas01.pdf>. Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507